



O PLANETA SE DESINTEGRA EM TERREMOTOS, TSUNAMIS E EFEITO ESTUFA.



A ECONOMIA DÁ SINAIS DE CANSAÇO NO PRIMEIRO MUNDO E O DESEMPREGO É UMA AMEAÇA CONCRETA QUE INCOMODA OS GOVERNOS E DESESTABILIZA A SOCIEDADE.



ENQUANTO ISSO, OS LÍDERES POLÍTICOS DO G8 SE APRESSAM EM BUSCAR A CUMPLICIDADE DO G20.



O POPULISMO EMOTIVO DOS POLÍTICOS MODERNOS SE DEIXA REVELAR COMO UMA VERSÃO DISFARÇADA DO AMOR-PRÓPRIO.



TEATRO POLÍTICO O planeta se desintegra em terremotos, tsunamis e efeito estufa. A economia dá sinais de cansaço no primeiro mundo e o desemprego é uma ameaça concreta que incomoda os governos e desestabiliza a sociedade. Enquanto isso, os líderes políticos do G8 se apressam em buscar a cumplicidade do G20 e a promover reuniões cujos únicos resultados são poses e fotos para alimentar a mídia. No *backstage* deste grande teatro, a realidade grita, o planeta se dissolve no ar e os postulantes ao poder, inebriados com seus próprios egos e a possibilidade de levar alguma vantagem, interpretam cenas ufanistas que seriam cômicas, não fossem trágicas.

1979. UM DIVISOR DE ÁGUAS O livro do escritor e jornalista inglês, Francis Wheen, intitulado “Como a Picaretagem Conquistou o Mundo – equívocos da modernidade”, chama a atenção para dois fatos que, segundo o autor, marcaram o mundo contemporâneo. A data, diz Francis Wheen, é 1979 e os fatos que irão marcar o mundo são a chegada de Margaret Thatcher ao poder na Inglaterra e o retorno ao Irã do clérigo fundamentalista aiatolá Ruhollah Khomeini. Para Wheen, Khomeini inaugurou um projeto islâmico que retrocedeu à época medieval. Thatcher, por sua vez, chegou ao poder com um discurso que enaltecia Adam Smith, mas na prática acabou restaurando os “valores vitorianos”.

THATCHER E KHOMEINI Segundo Francis Wheen, a volta de Khomeini e do islamismo fundamentalista ao Irã e a eleição dos tóris, de Margareth Thatcher, na Grã-Bretanha, representaram dois poderosos credos messiânicos cujo “conflito” encontrou sua mais horrenda expressão: “... vinte e dois anos depois, quando as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, foram reduzidas a escombros por um pequeno esquadrão camicase de mártires islâmicos”.

MODERNIDADE E MEDIEVALISMO Para Wheen, “(...) o que parecia ser uma batalha direta entre a modernidade e o medievalismo era, na verdade, uma questão mais complexa onde os apóstolos do neoliberalismo thatcherista estavam engajados numa luta contra o mundo, tal qual este havia evoluído durante o século XX – Estado do bem-estar social, economias reguladas, governos intervencionistas, liberdade sexual. Enquanto isso, os fundamentalistas islâmicos pré-modernos tinham uma desenvoltura na alta tecnologia que assombrava e enfurecia seus inimigos”.

FUNDAMENTALISMO E JIHAD Francis Wheen nos alerta que Bin Laden sabia explorar a força da televisão via satélite e dos canais de notícias que ficavam no ar 24 horas; seus auxiliares eram tão ocidentalizados que passavam despercebidos na Europa e EUA. Embora milhões de iranianos tenham comemorado a chegada do aiatolá, de modo algum eram fundamentalistas que ansiassem por uma “jihad”. O que houve no Irã e no mundo islâmico foi que o aiatolá era a única força possível diante de um Reza Pahlavi cada vez mais corrupto e brutal, sufocando as vozes da dissidência democrática.

ÓDIO E BAIXO ENTUSIASMO Foi o ódio ao xá Reza Pahlavi que instigou o júbilo nacional ante o golpe praticado pelo aiatolá, no Irã. Da mesma maneira, na Inglaterra, foi o baixo entusiasmo pelo monetarismo e pelos outros credos enigmáticos praticados pelo Partido Trabalhista de Jim Callaghan que levaram Margaret Thatcher ao poder, com milhões de votos. Na sequência, o que se viu na Grã-Bretanha foi a eliminação de qualquer interferência do governo na iniciativa privada, desde o salário mínimo até programas de previdência social. O liberalismo econômico foi levado às últimas consequências. Do outro lado, no mundo islâmico, Khomeini aplicou os princípios religiosos à política. Um minucioso testamento foi construído sobre o conservadorismo teológico, com uma retórica anti-imperialista tomada de empréstimo da esquerda europeia.

LIBERALISMO ECONÔMICO E ISLAMISMO POLITIZADO

Os resultados do liberalismo econômico e do islamismo politizado são as cenas estarrecedoras que assistimos diariamente nas televisões. Desemprego crônico, esfacelamento do estado, terrorismo, insegurança e medo. A associação equivocada das leis do Alcorão com a ideologia de esquerda e suas práticas radicais levou à criação da Al Qaeda e das Jirah islâmicas. O livre mercado, sem regras e sem controle, criou as bolhas financeiras, os relatórios maquiados e a quebra de grandes corporações, bancos centenários e a falência de milhares de pequenos investidores.

MUNDO PRÉ E PÓS-MODERNO Neste campo de conflitos ideológicos e religiosos proliferaram charlatões, gurus, crenças em superstições, confusão moral e uma grande histeria. Do embate entre o mundo pré e pós-moderno multiplicaram-se teorias irracionais, de baixa razão crítica e um elevado grau de picaretagem. O experimento econômico iniciado por Margareth Thatcher, seguido por Tony Blair e *Wall Street*, e copiado em todo o mundo ocidental mostrou-se, lamentavelmente, incapaz e revelou-se um sistema fundamentalmente irracional. Da mesma maneira, os terroristas islâmicos não se dão ao trabalho de chamar a si mesmos de combatentes da liberdade, ao contrário de seus predecessores seculares. Sua única ambição é exterminar os infiéis e estabelecer a dominação da *xariá* (lei islâmica).

NOVA IDADE DAS TREVAS Para Francis Wheen, “o populismo emotivo dos políticos modernos talvez pareça uma forma de experiência coletiva. Na verdade, porém, ao afirmar a primazia do sentimento sobre a razão, do pessoal sobre o político, ele se deixa revelar como nada mais que uma versão disfarçada do amor-próprio”. Na esteira dessas contradições, uma revolução conservadora, radical e decadente, feita de barbárie e niilismo, está se apoderando da sociedade contemporânea. Para o acadêmico britânico Alasdair MacIntyre, estamos voltando ao século XII, “uma nova Idade das Trevas”.